



A INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL: AS PERSPECTIVAS DO EGRESSO DA UNOCHAPECÓ¹

Daniela Maria Carneiro²; Carla dos Reis Rezer³; Neusa Dendena Kleinubing⁴

RESUMO

O presente texto pretende refletir no sentido de compreender como os egressos do curso de Educação Física, da Unochapecó, percebem o processo de inclusão de alunos com deficiência nas suas aulas, as implicações na prática pedagógica e as potencialidades e fragilidades na formação inicial acerca da educação inclusiva. Foi desenvolvido através da abordagem qualitativa do tipo descritivo, utilizando a observação e a entrevista como instrumentos para a coleta dos dados. Foram colaboradores desta pesquisa 8 professores egressos do curso de EF da Unochapecó, atuando há mais de 2 anos em escolas públicas. As informações obtidas foram analisadas a partir da análise temática (Minayo, 2008). A partir das informações foi possível percebermos que ainda há caminhos a trilhar no processo de formação inicial no que tange as questões relacionadas a educação inclusiva, de maneira a oportunizar maiores momentos de enfrentamento e discussões, possibilitando maior instrumentalização e fomento para a atuação pedagógica diante das diferenças.

PALAVRAS CHAVE: educação física; inclusão; formação inicial.

ABSTRACT

This paper aims to reflect in order to understand how the graduates of the course of Physical Education, Unochapecó, perceive the process of inclusion of students with disabilities in their classes, the implications for teaching practice and the strengths and

¹ Projeto de Pesq. financiado pelo FUMDES/SC- Apoio a Pesq. Art.171 da Constituição Estadual

² Bolsista do projeto, acadêmica do Curso de Educação Física, Unochapecó, Santa Catarina.

³ Professora Mestre, docente do Curso de Educação Física, Unochapecó, Santa Catarina.

⁴ Professora Mestre, docente do Curso de Educação Física, Unochapecó, Santa Catarina.



weaknesses in the initial formation about inclusive education. It was developed through qualitative descriptive approach, using observation and interview as tools . They were collaborators of this research 8 graduates teachers course EF Unochapecó, working for more than two years in public schools. The information obtained was analyzed from the thematic analysis (Minayo, 2008). From the information it was possible to realize that there are still ways to follow the initial formation process regarding issues related to inclusive education, in order to create opportunities greatest moments of confrontation and discussion, allowing greater instrumentalisation and development for pedagogical action on the differences.

KEYWORDS: *physical education; inclusion; initial formation*

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo reflexionar con el fin de entender cómo los graduados del curso de Educación Física, Unochapecó, se dan cuenta del proceso de inclusión de los estudiantes con discapacidad en sus clases, las implicaciones para la práctica de la enseñanza y las fortalezas y debilidades en la formación inicial sobre la educación inclusive. Fue desarrollado a través enfoque descriptivo cualitativo, mediante la observación y la entrevista como herramientas para la recopilación de datos. Fueron sujetos del estudio 8 graduados profesores del curso EF Unochapecó, que trabajan desde hace más de dos años en las escuelas públicas. La información obtenida se analizó a partir del análisis temático (Minayo, 2008). A partir de la información que era posible darse cuenta de que todavía hay maneras de seguir el proceso de formación inicial con respecto a las cuestiones relacionadas a la educación inclusiva, con el fin de crear oportunidades mejores momentos de confrontación y discusión, lo que permite una mayor instrumentalización y desarrollo de la acción pedagógica en el diferencias.

PALABRAS CLAVES: *educación física; inclusión; formación inicial.*

INTRODUÇÃO



As conquistas das pessoas com deficiência no sentido de viver em um ambiente menos restrito e integrados à sociedade vem se ampliando de forma considerável. Muitas leis foram criadas para garantir direitos e benefícios todavia, apesar dos avanços, é inegável que existem espaços sociais que ainda mostram dificuldades em receber pessoas com deficiência. Nesse caminho interessa-nos refletir sobre o contexto escolar que, além de ser um espaço que deve receber estes sujeitos, tem a função principal de “incluir-los” - o que caracteriza uma ação bem maior do que apenas receber, integrar - e isto sinaliza para toda a implicação que este termo exige, qual seja, o de criar condições equitativas com relação ao processo pedagógico.

O processo de inclusão preconiza que as diferenças possam ter vez e voz no currículo escolar, que estas diferenças possam falar de si. Porém, os processos de inclusão desencadeados no país apontam para meras adaptações curriculares e uma formação rápida de docentes conforme aponta Lopes (2007) o qual argumenta que diante da “exigência” da realização da educação inclusiva, os professores, muitas vezes sentem-se pressionados e desencorajados a dizer que não sabem lidar com tanta diversidade, de forma a oportunizar a execução deste processo.

Para Ribeiro (2001) a complexidade que gira em torno da inclusão, tendo-a como uma realidade social, leva-nos a pensar que seria incoerente deixarmos a responsabilidade da inclusão para as políticas públicas, municipal, estadual e federal, e a elas atribuir a responsabilidade do viés que vem ocorrendo na construção de uma sociedade inclusiva. Ao contrário, entendemos que o esforço para que a inclusão se efetive deve ser coletivo abarcando todas as instâncias da sociedade, porém a escola tem papel fundamental, já que é neste espaço, que aprendemos (ou deveríamos aprender) a viver em comunidade e a participar, sem restrições, da sociedade. Nisso, a prática pedagógica torna-se fundamental, pois é a partir dos entendimentos do professor com relação a este processo e os encaminhamentos derivados deste que permitirão aos alunos se perceberem e perceberem os outros como parte de uma comunidade que reconhece e aceita as diferenças.

Nesse sentido, pensar e fazer a Educação Física escolar na perspectiva da educação inclusiva compreende um processo pedagógico que deve subsidiar aos alunos



entendimentos com relação a todas as nuances possíveis entre as potencialidades e fragilidades de cada corpo, de cada sujeito, tanto nos aspectos cognitivos quanto físicos e isso, não configura tarefa fácil, pois envolve inúmeros saberes e habilidades pedagógicas e, por que não dizer, saberes e habilidades para lidar com o “humano”.

Nesta perspectiva, este texto realiza reflexões no sentido de compreender como os egressos do curso de Educação Física da Unochapecó percebem o processo de inclusão de alunos com deficiência nas suas aulas e as implicações na prática pedagógica.

METODOLOGIA

Este estudo se desenvolveu ancorado pela abordagem qualitativa do tipo descritivo, utilizando da observação e da entrevista como instrumentos para a coleta dos dados. Foram colaboradores desta pesquisa professores de Educação Física graduados pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), atuando há mais de 2 anos em escolas públicas, dos quais 8 estão em escolas da rede estadual e 4 em escolas da rede municipal de Chapecó/SC. Com relação ao gênero, participaram seis professoras e seis professores com idades variando entre 23 a 39 anos.

O nome dos professores colaboradores desta pesquisa foi alterado para nomes fictícios a fim de preservar suas identidades e atender os aspectos éticos da pesquisa. A análise dos dados foi realizada a partir da técnica da análise temática, conforme proposição de Minayo (2008).

Na sequência apresentaremos o referencial teórico articulado aos dados levantados junto aos colaboradores do estudo, os quais foram categorizados e discutidos a partir de duas temáticas: o entendimento com relação ao processo de inclusão e a percepção do egresso com relação às fragilidades e potencialidades da formação inicial em face aos conhecimentos relativos à inclusão.

DO ENTENDIMENTO SOBRE O PROCESSO DE INCLUSÃO

Ao nos referirmos a educação inclusiva precisamos pensar na introdução de outro olhar. Assim como se refere Freitas (2006) de que esta é uma nova maneira de ser ver, ver



os outros e a educação, pois para incluir todas as pessoas, o meio social, ou seja, a sociedade, necessita ser modificada, com base no preceito de que ela precisa ser capaz de atender as necessidades daqueles que a compõe.

Ao analisarmos as falas dos professores egressos relacionadas ao processo de inclusão identificamos que muitos deles apresentam ideias semelhantes, a exemplo de que o aluno com deficiência deveria estar incluído com os demais na sala de aula e participando efetivamente das mesmas atividades para que se possa pensar na real inclusão.

As respostas das professoras Aline e Bianca, respectivamente, demonstram esta questão:

Inclusão é trabalhar com todos os alunos, seja com deficiência ou com dificuldades, os alunos que estão no contexto escolar e que estão lá para serem incluídos em todo o processo escolar.

Inclusão eu acredito que seja todo o processo de unir todos os alunos que estão na escola e participando do processo da educação mesmo, inserido e participando de tudo o que acontece na escola é o principal, para estar incluso eles tem que participar de tudo da mesma forma que todas as pessoas que estão na escola.

Este entendimento vem ao encontro do que diz Tessaro (2005) citado por Paim e Marconato (2010), argumentando que a educação inclusiva não consiste em juntar em um mesmo espaço físico alunos com ou sem deficiência, mas significa, algo mais amplo, que é a inclusão de todas as pessoas independentemente de talento, de deficiência, do nível socioeconômico em salas de aula, tendo as suas necessidades atendidas.

O fato do aluno com deficiência estar inserido na sala de aula com os demais alunos não significa que ele está de fato sendo incluído, mas sim que este aluno possa estar sendo inserido neste espaço. Segundo Freire (2010, p. 23) para que possa ocorrer efetivamente a inclusão o aluno deve “[...] participar no mesmo ambiente, mas com o suporte necessário e com uma atenção individualizada, pois as pessoas com deficiência apresentam diferentes exigências na sua inclusão, dependendo do seu tipo de deficiência”.

A prof. Aline sinaliza nesta direção ao dizer que os alunos com deficiência

Devem estar participando ativamente da aula, aprendendo as mesmas



coisas e não simplesmente ser colocado dentro da sala de aula e dizer que ele está incluído. Não, ele deve estar incluído no grupo, com os professores, com o conhecimento, com a escola numa perspectiva também maior.

Também em relação ao processo de aprendizagem, os professores egressos sinalizaram para uma compreensão de que todos os alunos, independentes de apresentar algum tipo de deficiência, têm características e tempos diferentes, como justifica a prof. Paula: *“Porque cada um tem um modo de aprender, uma sequência, um meio de aprender, então essa inclusão seria desta forma, cada um tem o seu tempo de aprendizado, tanto a pessoa com deficiência quanto a pessoa que não tem deficiência, cada um tem o seu tempo”*.

Com relação ao ambiente escolar este necessita estar preparado e adequado para oferecer ensino que atenda as necessidades de todos os estudantes, tendo assim condições de respeitar a capacidade de aprendizagem de cada aluno inserido neste processo, já que “a escola deve atender as mais peculiares necessidades de cada aluno, tendo ele deficiência ou não (SÁNCHEZ, 2005).

Outra questão que surgiu durante as entrevistas foi a de que o processo de inclusão vai além da relação professor-aluno. A prof. Paula diz que a inclusão *“É um processo que não envolve só professor e aluno, ele envolve a turma toda e não só uma disciplina ou duas, mas sim todo um contexto escolar e também a família”*. Sant’ana (2005) argumenta que para que a inclusão escolar se efetive nas escolas, os docentes, diretores e funcionários apresentam e desempenham papéis específicos e devem agir coletivamente.

Schelling e Chiaro (2012) sinalizam que os pais devem colaborar com a formação educacional de seus filhos e a escola deve rever sua estrutura para oferecer reais condições de aprendizagens, a fim de realizar efetivamente a inclusão e não apenas a socialização destes alunos. Esta afirmação vem ao encontro do que pontua a Prof. Angela:

Se a família também deve participar deste processo?!Tivemos casos de alunos que a família dizia que ele estava com dor, que ele estava com preguiça e que ele não queria ir pra aula, sendo que era a família que não queria trazer. Então todo este processo de inclusão vem desde a família, escola, relacionamento de professor e aluno.



Outro fator importante para o processo de inclusão sinalizado pelos egressos é a necessidade de se fazer adaptações nas atividades, de forma a criar alternativas para participação nas aulas, respeitando os limites de aprendizagem de cada aluno. Assim como citado pelo professor Lucas: *“com o aluno com deficiência tem que ser criado algumas alternativas para que se sintam bem. Ele não pode ser avaliado, questionado da mesma forma que é trabalhado com os alunos “ditos normais”, tem que trabalhar alternativas de motivação mas que envolva ele nas atividades”*. Este pensamento também é compartilhado pelo professor Fábio, que diz *“você tem que tentar colocar todos os alunos no mesmo espaço e a partir daí você vai adaptar, você vai fazer uma adaptação da tua aula pra fazer com que todos participem, mais é claro respeitando os limites de cada um”*.

Para Chicon (2008, p.28) não é somente adaptando atividades que o aluno com deficiência vai estar incluso e participando das aulas de Educação Física, mas sim quando junto com esta prática faz-se uso da perspectiva educacional no qual os objetivos, conteúdos e métodos sejam voltados a valorização da diversidade humana, e que esta perspectiva colabore com a construção de uma sociedade mais inclusiva.

Segundo Pizzolo (2015, p.14) *“o professor de Educação Física deve sempre garantir condições de segurança para o aluno com deficiência, fazendo adaptações, criando situações de modo a possibilitar a sua participação, sempre visando todas as possibilidades que favoreçam o princípio da inclusão”*. A adaptação da aula deve ser pensada de forma que todos os alunos possam praticar a mesma atividade em conjunto com os colegas, pois o aluno que tem uma deficiência *“não pode ter um trabalho diferenciado dos demais, se você fizer um trabalho diferenciado dos demais alunos, você estará excluindo este aluno e não incluindo”* (Prof. Marcos).

Conforme Freitas (2006) o princípio fundamental da educação inclusiva é que todos os alunos, dentro das reais possibilidades devam aprender juntos, e ainda afirma que isto aconteça independentemente das potencialidades ou dificuldades, deficiências, questões, sociais ou econômicas, assim como culturais em escolas ou salas de aulas.

Também Mantoan (2006, p. 184) coloca-nos questões bastante pertinentes que nos fazem refletir sobre o papel da escola com relação ao processo inclusivo:



Mostra-se útil aos que ainda não compreenderam o que é primordial na escola: a experiência com as diferenças, mas sem exclusões, diferenciações, restrições de qualquer natureza e sempre reconhecendo-as e valorizando-as como essenciais à construção identitária.

Pacheco (2009, p. 24), também corrobora com este pensamento, afirmando que “tratando os ‘desiguais’ como se fossem iguais, em ‘pé de igualdade’, como geralmente acontece, não apenas mantemos a desigualdade, como a aumentamos”.

Os colaboradores deste estudo também pontuaram que é necessário adaptar atividades para que todos tenham a oportunidade de participar da aula de forma que nenhum aluno deixe de vivenciar novas práticas corporais e aumentar o seu “vocabulário” de movimento, salientando o papel da escola, a qual deve estar adaptada para atender este aluno tanto estruturalmente quanto pedagogicamente. Também salientam que os professores devem ser capacitados para terem melhores condições para o trabalho pedagógico, atendendo cada aluno, independente de possuir algum tipo de deficiência, além de frisarem sobre a importância da presença dos pais e da família no processo de aprendizagem dos alunos.

EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO: SINALIZANDO AS FRAGILIDADES E POTENCIALIDADES DA FORMAÇÃO INICIAL

A formação inicial objetiva proporcionar para os professores a informação, as metodologias científicas e pedagógicas de base, juntamente com a formação pessoal e social para exercer a ofício de docente, pois “a formação dos professores em uma perspectiva educacional inclusiva é um fator decisivo para efetivar os objetivos da inclusão e garantir aos alunos sua entrada, participação e permanência no processo de ensino e aprendizagem” (BATISTA; SANTOS; FUMES, 2015, p.2).

Quando questionados a maior parte dos professores relataram ter tido os conhecimentos básicos necessários para trabalhar com alunos com deficiência nas aulas de Educação física escolar e a professora Paula relata que:

Sim, tive em todas as áreas, em todas as deficiências, claro que quando eu me formei eles estavam no início da inclusão, então era muito recente,



estava mudando, muita coisa estava acontecendo, era muito novo, então a gente não teve aquele campo vasto, como os estudantes estão tendo hoje.

Já a Prof. Angela salienta que durante a formação inicial:

Tanto na graduação, quanto nos outros projetos para bolsistas que a universidade oferece tive sim, e recebi todo este aporte sobre os conhecimentos necessários dos professores, a interação, as vivências na prática, então a minha formação sim, teve muito lucro neste sentido. As disciplinas que tive foram Educação Física Inclusão e Diversidade I e II e Libras.

Alguns professores se manifestaram dizendo que o único contato que eles tiveram com a disciplina inclusão foi na graduação onde tiveram a base, a orientação para o professor trabalhar com as deficiências. Nesse sentido o Prof. Fabio argumenta:

Que na formação inicial você tem uma base, você sai da universidade com uma base, com condições de chegar à escola e olhar para aquele problema encarar ele de frente, criar uma metodologia, criar uma forma de conseguir trabalhar, isso é, uma forma de você conseguir trabalhar no espaço e você ter a capacidade de fazer a leitura do espaço que você tem para trabalhar.

Os professores também mencionaram outras experiências que tiveram durante a graduação em relação à população de pessoas com deficiência, como: “visitamos instituições especializadas e a gente participou dos Jogos Abertos de SC, a gente ajudou todos os dias que teve esses jogos, muito interessante porque aprendemos e convivemos com pessoas com deficiência (Prof. Maria).

Em contraponto às respostas anteriores, dois dos professores entrevistados relataram não ter tido os conhecimentos necessários para trabalhar com alunos com deficiência justificando que “Não, com certeza não e na graduação você tem algumas pinceladas, então você vai ter alguns caminhos para resolver alguns problemas, mas ela não te deixa um profissional assim, capacitado, pra você trabalhar com essa realidade na escola” (Prof. Marcos).

Corroborando com a fala acima o professor Lucas enfatiza de que “Infelizmente não. Tive mais a questão teórica, só que a prática mesmo a gente não teve. Talvez isso



deveria ser mudado nas universidades, que tivesse a opção de ter mais contato com a criança com deficiência”.

Grande parte dos professores de Educação Física encontra dificuldades, nos mais diversos aspectos, para conseguir atender a demanda da inclusão no âmbito escolar como, por exemplo, o despreparo profissional como uma consequência de uma formação acadêmica “frágil” no que diz respeito ao tema pessoa com deficiência (FIORINI, 2011).

Ao refletir sobre a situação da formação de professores Freitas (2006) aponta para a necessidade de que essa formação inicial se insira em movimentos de profissionalização pautado na concepção de competências, priorizando a atuação do professor na dimensão da docência, porém não somente restrita a isso, mas também na participação deste professor em projetos educativos e na produção de conhecimento.

Ainda Freitas (2006, p. 170) menciona:

Talvez, influenciado pelas experiências de seu próprio processo escolar e, pelas representações sociais das práticas escolares, quem inicia um curso de formação já traz consigo uma ideia preconcebida de aluno. Na maioria das vezes, o professor idealiza um aluno, sem se dar conta de que trabalhar com a diversidade é algo intrínseco à natureza da atuação docente e de que não faz sentido pensá-la como uma condição excepcional.

Assim, ao pensar no processo de formação inicial é possível inferir que talvez os cursos não trabalhem questões referentes à diversidade e as diferenças, reforçando de certa forma estereótipos ao tomar padrões preestabelecidos, alunos idealizados, o que acaba dificultando em alguns momentos, com o ingresso na profissão, o trabalho com práticas inclusivas, pois levam muito tempo para desfazer tais preconceitos e padrões construídos ao longo do tempo.

Para Freitas (2006) é essencial que o processo de formação garanta o rompimento de representações estereotipadas e discuta questões relacionadas a função social da escola e o papel de seu trabalho, assim como considere também a diversidade e heterogeneidade dos alunos e os fatores relacionados a prática pedagógica.

Cabe aos formadores possibilitar que todo professor aprenda a investigar, sistematizar e produzir conhecimento, por meio de leituras diversificadas, trabalhos escritos, emprego de recursos tecnológicos, análise de materiais



didáticos [...] A construção progressiva desses procedimentos contribui para o desenvolvimento pessoal, potencializa a atuação pedagógica e favorece um exercício profissional mais autônomo, o que representa uma grande conquista para os futuros profissionais, e também para os alunos (FREITAS, 2006, p.170).

Neste recorte, procuramos também abordar questões relativas às potencialidades e fragilidades em relação aos aspectos da educação inclusiva, na formação inicial em Educação Física, percebidas pelos egressos colaboradores deste estudo.

Ao serem questionados quanto às fragilidades percebidas neste processo, grande parte dos entrevistados elencaram as poucas experiências práticas com pessoas com deficiência e vários deles pontuaram o número restrito de créditos de disciplinas específicas, referentes a esta temática:

Acho que fragilidades estão na questão da falta de experiências práticas, de você ter um contato com este tipo de público, com estas crianças e adolescentes. A questão de quem sabe, como é um tema tão abrangente, tão grande, é muito difícil em uma disciplina de quatro créditos você estar trabalhando tudo isso. (Prof. Rodrigo).

Não lembro quantas disciplinas teve sobre inclusão, se não me engano era uma disciplina só e é pouco, você sai com o mínimo do mínimo e foi uma das fragilidades que eu encontrei (Prof. Fabio).

Fragilidade do nosso curso talvez não ter tido mais que uma disciplina mais não sei se iria resolver muito, por que se uma pessoa quer alguma coisa ela vai buscar (Prof. Bianca).

Uma fragilidade na formação inicial é que de repente poderia ter mais eu não sei dizer se seriam disciplinas, acho que os alunos teriam que ter mais contato com os sujeitos com deficiência pra pode fazer praticas pedagógicas relacionadas a este sujeito, mas não só relacionada a este sujeito (Prof. Aline).

Desta forma, os depoimentos aqui colocados pelos egressos parecem concordar com o que afirma Moreira (2009, p. 268), de que

As universidades ainda carecem de uma formação que viva a inclusão e ultrapasse a linearidade e a simplificação curricular de que basta uma disciplina sobre a área da NEE para formar professores capacitados a atuarem com o alunado que apresenta necessidades mais específicas.

Percebemos assim que ao existir a necessidade de os cursos de licenciaturas



incluïrem conteúdos e disciplinas voltadas para a educação inclusiva nos currículos, isto somente, não trará garantias de qualidade profissional dos professores em formação e nem a inclusão escolar dos futuros alunos, mas também sabemos que a inexistência de espaços para discussão desta temática dentro dos currículos é um fator ainda mais agravante na efetivação de uma educação inclusiva.

No que se refere às potencialidades apontadas pelos colaboradores deste estudo, o que ficou mais evidente em seus relatos foi o reconhecimento à competência e capacitação do corpo docente do curso freqüentado, como relatam os professores Marcos e Fabio, respectivamente:

Eu acho que no curso de Educação Física o que eu vejo como potencialidade é o grupo de professores muito qualificado na Uno. Professores com mestrado, doutorado, e depois que a gente se forma é que a gente tem noção da qualidade que eles tem, do conhecimento que possuem.

Uma das potencialidades é que o corpo docente era sempre aberto a orientações quanto à pesquisas, à informações e então quanto ao meu caso as potencialidades que eu vejo e sempre que eu comento com alguém onde eu fiz a minha graduação, o ponto positivo é este o corpo docente da minha época que a maioria ainda está ai, sempre foi bastante flexível.

Além disso, o Prof. Rodrigo ressalta como potencialidade as atividades de pesquisa e extensão oferecidas pela instituição e pelo curso:

Acredito que potencialidade é uma pesquisa igual a que você está fazendo, é algo muito bacana você ir a campo, descobrir a realidade, o que os profissionais pensam a respeito desta área do conhecimento. O desenvolvimento de pesquisa, vejo que a instituição – Unochapecó, que foi na qual também me formei, tem um programa muito bacana de pesquisa, extensão. Eu vejo que ela procura dar valor ao estudante da instituição, para que ele se torne um cidadão, um ser crítico, assim eu vejo este investimento no aluno da instituição como potencialidade.

Como sabemos, a formação inicial em Educação Física, a partir das orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais, sinaliza para uma formação generalista, humanista e crítica, visualizando um egresso capaz de realizar sua intervenção acadêmico-profissional,



fundamentada no rigor científico, na reflexão filosófica e na conduta cidadã e ética. Isso nos leva a pensar que a temática de inclusão ou qualquer outra não poderá ser “aprofundada” na formação inicial como sugerem muitos professores que participaram desta pesquisa. Mas acreditamos que a formação inicial pode viabilizar discussões, experiências que sejam significativas e que permitam aos estudantes reavaliar preconceitos, entendimentos com relação à diversidade e à diferença pois acreditamos que este é um dos pontos centrais do processo de formação. A ressignificação de conceitos com relação à diversidade, às diferenças e à inclusão permitirá um novo olhar para a pessoa com deficiência e, conseqüentemente, a percepção de que embora existam muitas dificuldades envolvidas no processo de ensino-aprendizagem, há também muitas possibilidades.

A discussão de Martins (2014), caminha neste sentido, ao argumentar que para que o processo de inclusão se efetive nos diferentes contextos sociais, necessitamos promover iniciativas de formação e reflexão, entre todos os profissionais da escola, da saúde e dos serviços sociais, é também necessário a formação de professores para o desenvolvimento de uma pedagogia mais inclusiva que aborde uma flexibilidade curricular e metodologias de ensino diversificadas.

Ainda a autora afirma:

Nota-se ainda a necessidade da reestruturação do currículo do componente curricular de EF adotando um caráter menos competitivo, mais flexível e solidário. Mas só uma estreita cooperação entre todos os envolvidos pode fomentar na escola uma cultura cada vez mais inclusiva, possibilitando o desenvolvimento integral de todos os alunos (MARTINS, 2014, p.657)

Salientamos ser de suma importância que não tratemos a educação inclusiva de maneira isolada das demais disciplinas. Há a necessidade de um debate amplo para a construção de proposições dentro da universidade, com base na interdisciplinaridade para a discussão da educação inclusiva e especial, que aborde de maneira ampla a práxis pedagógica (GILON; CARDOSO, 2014).

Acreditamos que uma alternativa para qualificar a formação inicial seria uma



articulação mais efetiva entre a universidade e a escola, a troca de experiências e saberes entre professores, estudantes, especialistas da área e gestores poderia ser o “salto” que precisamos para avançar nesta temática. Mas também há a necessidade de reconhecer os avanços já realizados, assegurando espaços permanentes de comunicação e reflexão destes, tanto na escola quanto na universidade, afinal dar-se conta das conquistas é também dar-se conta dos novos desafios.

CONCLUSÕES

A formação inicial tem papel fundamental na (re)construção de entendimentos dos futuros profissionais da educação com relação à temática inclusão. Nisso se constituiu o objetivo desta pesquisa o de analisar como os egressos do curso de Educação Física da Unochapecó percebem o processo de inclusão de alunos com deficiência nas suas aulas e as implicações na prática pedagógica, já que a formação inicial impacta diretamente na construção do entendimento sobre inclusão e, conseqüentemente, na efetivação da prática pedagógica.

Foi possível identificar que os egressos têm o entendimento de que o processo de inclusão é complexo e multifacetado. Falam sobre a responsabilidade do professor de Educação Física neste processo, da necessidade de adaptações de conteúdos e desenvolvimento de estratégias metodológicas.

Já com relação às fragilidades e potencialidades da formação inicial sinalizam que a formação que receberam foi diferente do que está posto atualmente, em que a discussão sobre a educação inclusiva, permeia de forma mais abrangente diferentes componentes curriculares, mas que ao mesmo tempo isto não é uma garantia de condições para o trabalho com públicos diferenciados.

Percebemos assim que ainda há caminhos a trilhar no processo de formação para a educação inclusiva, oportunizando maiores momentos de enfrentamento e discussões perante a temática, possibilitando maior instrumentalização e fomento para a atuação pedagógica perante as diferenças.

Neste momento nos utilizamos das palavras de Pacheco (2009, p.35) onde afirma



que “felizmente para os ‘desiguais’, nem todas as universidades e escolas são ‘iguais’. Eu creio no potencial dos seus professores e que a escola há de resgatar o seu papel de ‘berço de oportunidades”.

Para finalizar cabe a reflexão feita por Carmo (2002) a qual alerta sobre a idealização de uma sociedade na qual todos são iguais e que, sem perceber, os professores adotam discursos e práticas contraditórias já que falam e lutam pela igualdade mas trabalham com o sujeito concreto, diferente, discriminado e desigual.

REFERÊNCIAS:

BATISTA; Francine de Fátima Lima; SANTOS, Soraya Dayanna Guimarães; FUMES, Frederico. *Formação Do Professor Do Curso De Educação Física Face À Inclusão Do Aluno Com Deficiência Na Educação Superior De Alagoas*. Alagoas, 2015. Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/0/#search/potencialidades+e+fragilidades/154be81b2826a0eb?projector=1>. Acessado em: 18 de maio de 2016.

CARMO, Apolônio Abadio do. *Inclusão Escolar e a Educação Física: que movimentos são estes? Integração*. Ano 14. Edição Especial/2002.

CHICON, José Francisco. *Inclusão e exclusão no contexto da educação física escolar. Movimento*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 13-38, jan./abr. 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/3760/2123> Acessado em 12 de setembro de 2015.

FIORINI, Maria Luiza Salzani. *Concepção Do Professor De Educação Física Sobre A Inclusão Do Aluno Com Deficiência*. Marília, 2011. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/Educacao/Dissertacoes/fiorini_mls_mar_mar.pdf. Acessado em: 20 de maio de 2016.

FREIRE, Marta Fernandes. *A inclusão através do desporto adaptado: o caso português do basquetebol em cadeira de rodas. Dissertação de Mestrado*. Universidade de Coimbra, FCDEF, Coimbra, 2010.

FREITAS, Soraia Napoleão. *A formação de professores na educação inclusiva*. In:

RODRIGUES, David. *Inclusão e educação – doze olhares sobre a educação inclusiva*.



São Paulo: Summus, 2006.

GILON, Filipe Serafim; CARDOSO, Ana Lúcia. Um olhar sobre a formação em educação inclusiva na matriz curricular do curso de Licenciatura em Educação Física

EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires - Año 19 - Nº 194 - Jul de 2014.

<http://www.efdeportes.com>.

LOPES, M. C. Inclusão escolar: currículo, diferença e identidade. In: LOPES, M.C.;

DAL'IGNA, M.C. **In/exclusão: nas tramas da escola**. Canoas: Ed. ULBRA, 2007.

MANTOAN, Maria Tereza Égler. O direito de ser, sendo diferente, na escola. In:

RODRIGUES, David. *Inclusão e educação – doze olhares sobre a educação inclusiva*.

São Paulo: Summus, 2006.

MARTINS, Celina Luísa Raimundo. Educação Física Inclusiva: Atitudes dos Docentes.

Movimento, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 637-657, abr./jun. de 2014.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**, 11 ed.

São Paulo: Hucitec, 2008.

MOREIRA, L. C. Cursos de licenciatura com bases inclusivas: impressões de alunos com necessidades educacionais especiais e de seus professores. In: JESUS, D.M. de;

BAPTISTA, C.R.; BARRETO, M.A.S.C.; VICTOR, S.L. *Inclusão, práticas pedagógicas e trajetórias de pesquisa*. Porto Alegre: Mediação, 2009. p. 261-270.

PACHECO, José. Berços da desigualdade. In: GOMES, Marcio. *Construindo as trilhas para a inclusão*. Petrópolis(RJ): Vozes, 2009.

PAIM, Maria Cristina Chimelo; MARCONATO Evelise Inclusão na aula de Educação

Física: relato de uma realidade no ensino fundamental. *Efdeportes Revista Digital*. Buenos Aires, Anos 15, Nº148, Septiembre de 2010. Disponível em:

<http://www.efdeportes.com/efd148/inclusao-na-aula-de-educacao-fisica.htm>.

PIZZOLO, Tuani Zanoni. O Desafio Da Inclusão Escolar Nas Escolas Estaduais Do

Município De Nova Veneza-Sc: Olhares Dos Professores De Educação Física. 2015.

Disponível em:

<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/3066/1/Tuani%20Zanoni%20Pizzolo.pdf>. Acessado em: 15 de abril de 2016.



RIBEIRO, S. M. Inclusão e Esporte: um caminho a percorrer. Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada In: CIDADE, R. E. (org.) *Temas em educação física adaptada* / Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada, SOBAMA, 2001.

SANT'ANA, Izabella M. Educação inclusiva: concepções de professores e diretores. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 2, p. 227-234, maio/ago., 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n2/v10n2a09.pdf>. Acessado em: 19 de fevereiro de 2016.

SÁNCHEZ, P. A. A Educação Inclusiva: um meio de construir escolas para todos no século XXI. *Revista Inclusão*, ano 1, n. 1, p.19-23. Brasília, out. 2005.

SCHELLING, Michelle Correia; CHIARO Sylvania de. Estratégias Pedagógicas utilizadas com crianças com deficiência: o que sinalizam as práticas? 2012. Disponível em: https://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2012.2/estrategias%20pedaggica.pdf. Acessado em: 26 de fevereiro de 2016.

E-mail:

rezer@unochapeco.edu.br

neusadk@unochapeco.edu.br

danimaria@unochapeco.edu.br

Material necessário para apresentação: data-show